



VIDAS SECAS NA LITERATURA E NO CINEMA: DESVALORIZAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DO GÊNERO MASCULINO EM FAVOR DO FEMININO EM ESTEREÓTIPOS SOCIOCULTURAIS NORDESTINOS

George Patrick do Nascimento

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)

geo.patrick@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho objetiva demonstrar o papel social da mulher nordestina como detentora de subliminar superioridade sobre o indivíduo masculino, também nordestino, na obra literária *Vidas Secas* do autor modernista Graciliano Ramos, de forma a analisar também, comparativamente, as manifestações sociais existentes na adaptação feita pelo diretor neorrealista Nelson Pereira dos Santos, em sua obra cinematográfica de mesmo nome do livro já mencionado. Procura-se examinar e enfatizar as manifestações históricas de gênero da sociedade nordestina, presentes tanto no livro quanto no filme, em que a figura da mulher está emblemática como uma estereotipização de mulher sertaneja, sem recursos, mãe de família e dona de casa, na época em que os fatos fictícios relatados nessas produções estão artisticamente inseridos. Tal enfoque discursivo será construído a partir de uma perspectiva cultural e tradicional da conduta humana feminina perante a civilização sertaneja do Nordeste brasileiro. Para isso, metodologicamente, será apresentado explanações das características culturais existentes em ambas as obras, bem como dos traços literários que as constituem, todavia, dando destaque a vida difícil da mulher pobre na região Nordeste. Apontando, inclusive, para a reflexão de uma sociedade rural como fonte fornecedora de subsídios para o progresso da sociedade local e, sobretudo, para comprovar o valor que a mulher desempenha como parte indispensável na preservação e condução da vida dos integrantes da sua própria família (cuidados com os filhos, marido e lar), além de estar, quase sempre, religiosamente subserviente a alguma doutrina de fé, como a católica, conforme nos apresentam as referidas produções artísticas.

Palavras-chave: Gênero, Estereótipo, Sociedade Nordestina, Literatura Brasileira, Neorrealismo cinematográfico.



1. INTRODUÇÃO

É bem verdade que, durante a história da humanidade, as mulheres foram tratadas como seres “inferiores” aos homens. De modo que isso também se manifestou na literatura, no sentido de elas não poderem ingressar nem sequer no mundo da escrita, muito menos no da leitura. Ou seja, lhes foi tirado o direito de serem escritoras de romances, poemas e outras manifestações literárias. Porém, as mulheres sempre estiveram nos mitos, nos livros de história, nas obras de arte em geral, seja no papel de musas, ou como figuras perfeitas e intocáveis, ou como humanas que falham e possuem defeitos. (MONTERO, 2007). Enfim, o ser “mulher” só podia ocupar, quase que exclusivamente, a função de personagem ou instrumento de inspiração para determinado autor/artista, ou seja, através da criatividade de algum homem.

Mas os tempos evoluíram e essa parte da história realmente, a duras penas, virou história. A mulher conseguiu seu espaço perante a sociedade e ainda vem lutando por tantos outros direitos. Na nossa literatura brasileira, podemos citar o exemplo de Rachel de Queiroz, que foi uma das muitas escritoras ímpares e renomadas do nosso cânone. Seu talento foi tamanho que impressionou até mesmo os homens escritores de sua época,

como foi o caso de Graciliano Ramos, o qual chegou até mesmo a questionar a autoria de uma das obras de Rachel: *O Quinze*. Por algum tipo de preconceito, ou, na melhor ou pior das hipóteses, por causa da imposição de valores de gênero que o seu contexto sociocultural estabelecia. Contudo, posteriormente, esses dois autores iriam tornar-se até mesmo amigos, findando na reestruturação hipotética dos conceitos ideológicos de Graciliano sobre a potencialidade artística que as mulheres possuem, já que elas também são seres humanos de igual capacidade artística criacional.

Na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, o personagem principal é um homem chamado Fabiano, porém, a personagem Sinha Vitória também tem um relevante papel no enredo do romance. De modo que, é evidenciado, no texto, passagens que demonstram uma possível inferioridade do próprio Fabiano em relação a ela, como no quesito inteligência. Assim, descartando o possível incidente acima citado entre os autores Graciliano e Rachel de Queiroz, é bem verdade que aquele constrói, nesse seu livro, a representação de uma mulher que é detentora de saberes culturais que superam, de certa forma, o saber dos próprios homens, como é evidenciado na obra citada. Uma vez que a personagem Sinha Vitória é



representada como um sujeito inteligente, enquanto que Fabiano é figurativizado como um indivíduo que apenas “age” durante o desenrolar de sua trama.

Desta forma, o presente trabalho objetiva demonstrar o papel social da mulher nordestina como detentora de sublimar superioridade sobre o indivíduo masculino, também nordestino, na obra literária *Vidas Secas* do autor modernista Graciliano Ramos, de forma a analisar também, comparativamente, as manifestações sociais existentes na adaptação feita pelo diretor neorrealista Nelson Pereira dos Santos, em sua obra cinematográfica de mesmo nome do livro já mencionado.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, procura-se examinar e enfatizar as manifestações históricas de gênero da sociedade nordestina, presentes tanto no livro quanto no filme, em que a figura da mulher está emblemática como uma estereotipização de mulher sertaneja, sem recursos, mãe de família e dona de casa, na época em que os fatos fictícios relatados nessas produções estão artisticamente inseridos.

Tal enfoque discursivo será construído a partir de uma perspectiva cultural e tradicional da conduta humana feminina

perante a civilização sertaneja do Nordeste brasileiro.

Para isso, metodologicamente, será apresentado explicações das características culturais existentes em ambas as obras, bem como dos traços literários que as constituem, todavia, dando destaque a vida difícil da mulher pobre na região Nordeste. Apontando, inclusive, para a reflexão de uma sociedade rural como fonte fornecedora de subsídios para o progresso da sociedade local e, sobretudo, para comprovar o valor que a mulher desempenha como parte indispensável na preservação e condução da vida dos integrantes da sua própria família (cuidados com os filhos, marido e lar), além de estar, quase sempre, religiosamente subserviente a alguma doutrina de fé, como a católica, conforme nos apresentam as referidas produções artísticas.

3. VIDAS SECAS: FICÇÃO FUNDAMENTADA NA REALIDADE NORDESTINA

Apesar de não haver nenhuma passagem que identifique o lugar, melhor dizendo, a cidade ou região em que as personagens da obra *Vidas Secas* estão inseridas, é possível perceber claramente que se trata do sertão nordestino por uma série de fatores, como o linguajar, os costumes, as



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vestimentas, a descrição da fauna e flora comuns ao ambiente da caatinga, a questão do problema da seca, entre outros fatores. No filme de Nelson Pereira dos Santos isso fica ainda mais evidenciado em virtude de ser um gênero do discurso que utiliza imagens e sons, ou seja, que ilustra claramente os seres e acontecimentos relatados na obra de Graciliano. Além do fato das filmagens realmente terem ocorrido em território alagoense, terra natal deste último autor.

Graciliano Ramos constrói o dito romance em uma perspectiva que privilegia marcadamente o narrador. Tanto que as demais personagens praticamente não são possuidoras de falas expressivas ou substanciais. Além do fato de o autor as rebaixar, literariamente, para a condição de coisas, animais e seres miseráveis. O romance é então, fundamentalmente, de terceira pessoa por meio de um narrador onisciente.

Graciliano situa as personagens Fabiano, Sinha Vitória e os filhos como exemplos de seres convertidos em animais, brutalizados que estão em suas pelezas para sobreviver. Nesse contexto, eles abandonam a terra ressequida em que nasceram, e vão procurar em outras paragens trabalho, comida, carinho, ternura, alegria, beleza... vida. (PERDIGÃO, 2010, p. 41).

Essas descrições de inferioridade serviram para que o autor pudesse demonstrar o nível de pobreza e de vida difícil que o povo do sertão nordestino se encontrava em épocas

em que o problema da seca era tão preocupante na região. É cabível ressaltar que o próprio Graciliano era nordestino, então ele estava bem informado sobre a problemática existente no Nordeste brasileiro, como também dos costumes e das pessoas desse território. Assim, ao caracterizar suas personagens em uma perspectiva de inferioridade humana, ele o faz principalmente no Fabiano, que era o trabalhador subordinado, o vaqueiro, “o cabra”, ou seja, que estava nessa condição de rebaixamento. O autor faz essa construção para comprovar o estereótipo do homem sertanejo, da pessoa pobre e sem estudos.

Sinha Vitória, por sua vez, era submissa ao marido, como mandava os costumes do casamento e da sociedade (MONTERO, 2007). Mas, apesar dessas marcas, ela é a pessoa que detém a inteligência da família, é a que aconselha. Ela é, em outras palavras, a parte culta de Fabiano, já que, contrariando de certa forma os costumes da família patriarcal, “embora sejam subordinadas, as mulheres não são destituídas de poder” (BRANCO, 2000, p. 37).

Aproveitando essa realidade brasileira o diretor/roteirista Nelson Pereira dos Santos lançou na década de 60 o filme também intitulado *Vidas Secas*, em virtude de ser uma reprodução fiel, segundo ele, da obra de Graciliano Ramos. O cineasta Nelson Pereira



foi um típico representante da corrente neorrealista italiana no Brasil e, portanto, percebeu no livro já mencionado, elementos que caracterizavam a verdade impactante das pessoas e da sociedade nordestina da época em que o filme foi produzido (DAVI, 2004). Essa temática ainda pode ser, inclusive, atual, já que a existência de áreas secas em território nordestino, provocada por fatores como “a ausência ou a irregularidade da chuva, agravada por causas socioeconômicas e políticas, tem sido uma das maiores preocupações da população local principalmente porque, a maioria dela, depende da agricultura e da pecuária para sobreviver” (BRANCO, 2000, p. 79).

4. O PAPEL SOCIOCULTURAL DA MULHER CONSTRUÍDO A PARTIR DE UMA ESTEREOTIPIZAÇÃO FEMININA DIVERGENTE DA DO MASCULINO

Foi dito anteriormente que a personagem Sinha Vitória, esposa de Fabiano, era tida por ele como uma pessoa de singular inteligência. Fabiano, homem matuto e de poucas palavras, a admirava por essa singularidade e por compreendê-lo da forma rústica que ele era. De fato, Fabiano era um homem sem muito jeito para conversas, tanto que ele próprio usava de onomatopéias ou palavras (frases feitas) de um dos seus

amigos, o seu Tomás da bolandeira, bem como da sua própria mulher.

Carlinhos Perdigão (2010) descreve a esposa de Fabiano da seguinte forma:

Sinha Vitória, sua companheira, é a encarregada dos serviços domésticos e das crianças, religiosa, acredita em Deus e na Virgem Maria; objetiva, sabe raciocinar e contar com bagos de feijão quanto Fabiano receberá do patrão (por conta disso, o marido a via como esperta, pois “ele era bruto, mas a mulher tinha miolo”); sonhadora, sua maior aspiração era possuir uma cama igual à do seu Tomás da bolandeira, este, homem educado e de leituras variadas. (PERDIGÃO, 2010, p. 42).

Sinha Vitória era, aparentemente, uma pessoa com desejos simples. Para ela bastava possuir apenas uma cama mais confortável do que a de varas em que ela e seu cônjuge dormiam. Analisando essas descrições, podemos encontrar, nessa personagem, características que representam o perfil de muitas mulheres nordestinas, como também de outras regiões geográficas brasileiras, uma vez que essa temática da pobreza, ou de indivíduos pertencentes a uma classe socioeconômica desprivilegiada, constitui-se espaço de discussões sociológicas sobre outras regiões do Brasil.

Além desse ponto, podemos mencionar que Sinha Vitória era uma mulher caracterizada como religiosa e, apesar de suas crises de rudeza para com o Fabiano ou os



filhos, a exemplo de certos momentos, como no trecho: “Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas” (RAMOS, 2007, p. 40), no fim das contas ela se comportava como uma boa esposa e uma boa mãe de família. Talvez por figurar um ser conhecedor dos preceitos do catolicismo, de modo que podemos encontrar diversas passagens que apontam para essa conduta religiosa de Sinha Vitória, tais como: “Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila” (p. 42); “Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria” (p. 88); “Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas” (p. 117).

Seja para sossego espiritual, seja por uma questão de rotina ritualística ou por outros motivos, a marca da religiosidade é encontrada, em *Vidas Secas*, mais nas mulheres do que nos homens, já que eles são geralmente considerados como “brutos”. Não encontramos isso só no livro ou no filme, mas esse estereótipo está ancorado em uma limitada verdade que a sociedade transmite, estabelecendo que os homens são ou devem ser mais insensíveis do que as mulheres. Essas características são repassadas, inclusive, na criação dos filhos, e é dessa forma que “as personalidades do pai e da mãe imprimem-se nas almas infantis para sempre. O pai encarna

a autoridade, e a mãe, o amor” (MORIN, 2007, p. 172). Lembrando que a predominância religiosa no Nordeste do século XX era o catolicismo, assim, essa vertente religiosa prega justamente o bom comportamento de qualquer ser humano, seja homem ou mulher. Todavia, excluindo esse elemento, outros fatores contribuíram ou contribuem com mais força para a formação da conduta humana dita masculina e feminina de qualquer civilização:

As culturas estabelecem, fixam, mantêm e amplificam uma diferenciação entre homens e mulheres em papéis sociais, especializando-os nas tarefas cotidianas; sobredeterminam as diferenças psicológicas. Instituem um poder masculino que, salvo exceções, atuou continuamente na história das civilizações. (MORIN, 2007, p. 82).

Tanto o homem quanto a mulher são, portanto, o resultado do que o meio social e cultural impõe na vida deles. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Contudo, a mulher costumou sempre ser a desfavorecida nessa relação de diferenças. Não é que ela seja inferior ao homem, mas acontece que, do ponto de vista religioso e histórico, “a feminilidade não foi digna de expressão para ingressar na história, ainda que, segundo a cristandade, a mulher seja uma pessoa perante Deus, tal qual o homem e, portanto, igualmente merecedora de sua ação salvadora e de sua misericórdia” (ROBLES,



2006, p. 302), ou seja, em termos sacros a mulher é igual ao homem e, por conseguinte, deveria ter os mesmos valores na sociedade.

Discorrendo agora sobre o clima sertanejo, podemos entender que as condições climáticas normalmente fazem da região Nordeste um lugar de vivência difícil. É por isso que as mulheres dessa localidade podem ser chamadas de fortes, pois não são todas as pessoas que conseguem, por exemplo, carregar jarros de água na cabeça por longas distâncias ou que conseguem sobreviver com pouco alimento e pouca água, entre outros feitos demonstrados no livro de Graciliano e no filme de Nelson Pereira dos Santos, os quais buscaram justamente evidenciar a vida intensa e difícil do povo sertanejo, da mulher sertaneja. Porém, apesar de toda essa força, infelizmente a mulher nordestina não pode nem sequer desfrutar de suas habilidades em lidar com as situações conflituosas da vida sem que seja comparada com um homem, ser este figurativizado por séculos como símbolo histórico e cultural do poder (MONTERO, 2007). Isso talvez explique o uso corriqueiro e informal do termo popular “mulher macho”, ou seja, estereotipamente, para ser forte a mulher tem que ser um “homem”. Tal pensamento é, na verdade, uma tentativa de inferiorização do gênero feminino, neste caso, da mulher do nordeste brasileiro.

Outra realidade que as obras analisadas aqui nesse trabalho mostram é a questão do indivíduo que, sabendo ler e escrever, consegue dominar os leigos, melhor dizendo, consegue colocá-los em uma relação de subordinação. De fato, ter conhecimento das letras pode fazer a diferença na vida social e grupal de uma civilização. Chauí (1990) aponta o *status* social que as atividades de leitura e escrita podem produzir nas camadas mais aristocráticas e privilegiadas:

A elite está no poder (...) porque detém o saber. Se, enquanto “maior”, o dominante é representado como um senhor, enquanto detentor do saber tende a ser representado como “melhor”. Nessa medida, a expressão autoritarismo das elites, embora em si mesma seja redundante e evasiva, contudo nos ensina alguma coisa: deixa mais nítido o lugar por onde passa a representação da diferença entre cultura do povo e a do não-povo. Essa diferença já é visível na fala do dominado, pois embora continue a estabelecer uma distinção cujo corte é dado pela separação entre pobres e ricos, entretanto é frequente ouvi-lo referir-se ao “rico” como aquele que tem “leitura”. (CHAUI, 1990, p. 49).

Como estamos examinando a obra *Vidas Secas* a partir de uma perspectiva que enfatiza, prioritariamente, o ser mulher e, delimitando mais ainda, a mulher nordestina, podemos primeiramente citar o contraste que há entre essas duas divisões sociais: ricos e pobres. Durante as obras, romancista e roteirista exemplificam o poder que o conhecimento tem sobre a vida das pessoas.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sinha Vitória tem o maior apreço pela pessoa de seu Tomás da bolandeira, por esse ser um homem de leitura, um homem de estudo. Fabiano, por sua vez, tinha muita consideração tanto pelo seu Tomás quanto por Sinha Vitória, a qual era muito valiosa em sua vida, por ser uma pessoa inteligente, seja por fazer contas com bagos de feijão, seja por fazer descobertas, como a possível causa da seca do lago. Segundo ela, o fenômeno ocorria em virtude do intenso calor do sol em parceria com a ação dos pássaros, que bebiam a água restante da fonte, teoria fortemente estimada por Fabiano: “Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la”. (RAMOS, 2007, p. 115). Porém, os conhecimentos culturais e de letramento de Sinha Vitória são, necessariamente, poucos. A dona de casa só sabia fazer contas com o auxílio de grãos, já em relação a seca do lago, dificilmente aves podem fazer tal coisa, o que torna sua teoria falha. Todavia, Fabiano a admirava, pois ela pensava em coisas que ele jamais teria a capacidade de raciocinar.

Visto isso, se pegarmos agora a família do patrão de Fabiano, poderemos notar o quanto a educação era diferenciada entre essas duas famílias, pois, na adaptação cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos, há um momento em que Fabiano vê

uma mulher apreciando música de violino na casa de seu patrão, como se essa estivesse tendo aula do referido instrumento. É muito provável que essa mulher seja filha ou pelo menos que tenha parentesco com o patrão de Fabiano, porque, como foi mencionado anteriormente, quem exerce poder ou tem o poder econômico, seja no Nordeste ou fora dele, precisa estar em contato constante com o mundo dos estudos, para ser respeitado e mostrar-se tanto “melhor” quanto “maior” em relação às outras pessoas, principalmente se elas forem de classes mais baixas. A carga de conhecimento dessa mulher anônima, que, aliás, só aparece no filme, se distingue em aspectos formais e cultos dos conhecimentos humildes de Sinha Vitória. Isso não quer dizer que essa pessoa incógnita necessitasse ter contato com a leitura e escrita, mas como parente de alguém importante e formal, supostamente falando, essa mulher teria mais acesso a livros e outras manifestações intelectuais. Além disso, quase que obrigatoriamente, pessoas com essas marcas financeiras demonstram comportamentos mais sofisticados e eruditos para contrapor-se aos demais indivíduos pertencentes a uma classe econômica inferior.

São poucos os que são “ricos” e muitos os que são “pobres”, mas saber é saber, cultura é cultura, conhecimento é conhecimento. O povo nordestino possui



muito disso. Se restringirmos esse povo às classes mais desfavorecidas economicamente, poderemos ver diversidades de saberes intelectuais, como nas pessoas do campo que sabem, por exemplo, cultivar a terra, ordenhar o gado, fazer objetos artesanais, entre outras coisas. Se restringirmos um pouco mais, dessa vez para a classe das mulheres nordestinas, veremos pessoas que vivem para suas casas e famílias, pessoas que são fortes para enfrentarem o problema da água escassa em algumas áreas do sertão, pessoas que são hábeis cozinheiras, pessoas que são simplesmente pessoas.

5. A IDENTIDADE FOLCLÓRICA E SOCIOCULTURAL NORDESTINA

É possível identificar na obra *Vidas Secas* diversidades culturais nas ações das personagens. No Nordeste até meados do século XX, que é o tempo representado no livro e no filme, essas manifestações de conhecimentos populares eram, normalmente, mais encontradas nas famílias e pessoas do campo do que nas das áreas urbanas. Embora que, no filme, há uma passagem que mostra o envolvimento dos indivíduos da classe rica com as festividades folclóricas da cidade. Contudo, esses indivíduos estão na condição de público, pois, na verdade, “o folclore é menos uma necessidade da burguesia, mas

sobretudo uma forma de saber que se associa, de início, às camadas tradicionais de origem agrária” (ORTIZ, 1994, p. 70). Assim, o envolvimento maior dessas tradições folclóricas se deu e ainda se dá na vida das pessoas nordestinas de classe econômica baixa ou que não sejam tão eruditas a outros conhecimentos de nível escolar e acadêmico, apesar desse ser também um tipo de saber, no caso, o saber cultural.

Para ilustrar essa cultura popular na obra em análise, temos a personagem Sinha Vitória que era de certa forma inteligente, religiosa, ornamentava sempre um rosário no seu pescoço, além de rotineiramente fumar um cachimbo: “Sinha Vitória cachimbava tranquila no banco do copiar, catando lêndas no filho mais velho” (RAMOS, 2007, p. 48).

Seus hábitos são carregados de costumes populares e, portanto, de folclore nordestino. Além de Sinha Vitória, tanto livro quanto filme apresentam outra personagem, chamada Sinha Terta. Essa mulher era uma senhora de idade, rezadeira, costureira e “falava quase tão bem como as pessoas da cidade” (RAMOS, 2007, p. 98).

Na verdade, todas as práticas sociais que se diferenciam de um povo para outro, ou de uma região para outra, ou até mesmo de um país para outro, podem ser consideradas folclóricas, já que folclore é exatamente as diversas manifestações de uma cultura



popular, desde hábitos comportamentais até, por exemplo, a produção de objetos artesanais. Dessa forma, podemos entender que “a noção de cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a ideia de ‘tradição’, seja na forma de tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da práxis” (ORTIZ, 1994, p. 70), e ambas as mulheres citadas aqui carregam essas marcas culturais em suas vidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade do povo nordestino fica muito bem exemplificada na obra *Vidas Secas*. Graciliano Ramos ao metaforizar suas personagens com animais e coisas de valor inferior ao de um ser humano, procura dar destaque justamente a essa condição miserável que a população sertaneja passou e ainda passa em algumas áreas de difícil vivência por causa da problemática da seca.

Aqui nesse trabalho buscou-se mostrar as características da mulher nordestina representadas pelas personagens Sinha Vitória e Sinha Terta, e outras mulheres presentes na obra *Vidas Secas* (obra literária e obra cinematográfica). Ambas são demonstrações, em um primeiro momento, de mulheres religiosas. Contudo, Sinha Vitória é descrita, além disso, como uma pessoa de raciocínio

lógico, o que a faz fugir da condição de animal dita anteriormente.

De fato, a mulher do Nordeste não é só dotada de inteligência para superar os conflitos da vida. Ela é principalmente a figuração de uma mulher forte que, seguindo o bom lado da tradição, busca dar o melhor de si para sua família e para seu lar. Se bem que ela é muito mais do que isso. A mulher é, numa noção geral, o símbolo da continuidade da vida, seja essa vida *seca* ou cheia de ações *vitoriosas*.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – Uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

BRANCO, Adélia de Melo. **Mulheres da seca**: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

DAVI, Tânia Nunes. Nelson Pereira dos Santos e o cinema brasileiro: trajetórias de luta e renovação. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo-MG, v. 3, n. 3, p. 1-22, 2004. (ISSN 2236-9929).

MONTERO, Rosa. **História das mulheres**: introdução. Trad. Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 09-30.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERDIGÃO, Carlinhos. **Fragmentos: poemas e ensaios**. Fortaleza: Premius, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 103. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ROBLES, Marta. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SANTOS, Nelson Pereira dos. **Vidas Secas** (filme). 1963. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2yNTyl_-h1A>. Acesso em: 25 mai. 2016.

